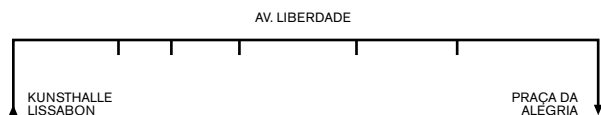


*Paisagem com a queda de Ícaro*, piano de cauda e paisagem, 2011

*Paisagem com a queda de Ícaro* continua na Praça da Alegria. Distância aproximada: 500m



Wilfredo Prieto nasceu em Sancti-Spiritus, Cuba, em 1978 e vive e trabalha em Havana, Cuba e Barcelona, Espanha. Prieto completou os seus estudos no Instituto Superior de Artes Visuais em Havana, Cuba. Uma selecção das suas exposições individuais inclui *Atado a la pata de la mesa*, Centro de Arte 2 de Mayo (CA2M), Madrid, Espanha (2011); *Negro, Mate, Seco*, NoguerasBlanchard, Barcelona, Espanha (2010); *Mountain*, SMAK, Ghent, Bélgica (2008); *Dead angle (Lost Bills)*, Kadist Art Foundation, Paris, França (2006); *Mute*, McMaster Museum of Art, Hamilton, Canadá (2006); *Mucho ruido y pocas nueces II (a lot of noise and a few nuts)*, MUSAC, Leon, Espanha. O seu trabalho tem sido apresentado em várias exposições colectivas, das quais se destacam *Lisbon presents 4*, Lisson Gallery, Londres, Reino Unido (2009); *Stowaways*, CCA Wattis Institute for Contemporary Arts, São Francisco, EUA (2009); *That Was Then... This Is Now*, PS1 MOMA, Nova Iorque, EUA (2008); *Environment: Perils, Promises and Perplexities*, Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Turim, Itália (2008). Participou também em diversas bienais, nomeadamente, 29ª Bienal de São Paulo, the 52nd Venice Biennale, Thesaloniki Biennial, I Singapore Biennial and the VIII, IX and X editions of the Havana Biennial e a Biennale Cuvée, Linz. Prieto foi o vencedor do The Cartier Foundation Award em 2008. Wilfredo Prieto é representado pela galeria NoguerasBlanchard, Barcelona.

## **WILFREDO PRIETO**

### **PAISAGEM COM A QUEDA DE ÍCARO 10.02.2010 | 19.03.2010**

A Kunsthalle Lissabon apresenta, pela primeira vez em Portugal, o trabalho do artista cubano Wilfredo Prieto. O trabalho de Prieto revela uma posição crítica que resulta da modificação subtil de objectos do dia-a-dia. Estas intervenções discretas, que recorrem na sua maioria a objectos do quotidiano, e desprovidos de qualquer aura, dão origem a imagens nas quais o gesto artístico é praticamente invisível e onde questões políticas tendem a ser abordadas. Ainda que Prieto não pretenda divertir o espectador, o humor constitui-se como um elemento importante, não tanto como objectivo principal do seu trabalho, mas antes como o resultado da distância crítica do artista ou da relação pouco convencional que estabelece com os temas e media a que recorre.

Em *Paisagem com a queda de Ícaro*, o projecto desenvolvido especificamente para a Kunsthalle Lissabon, Prieto reinterpreta de uma forma irónica e divertida, como é característico no seu trabalho, a pintura homónima atribuída, até recentemente, ao pintor renascentista flamengo Pieter Bruegel. Nela, Bruegel retrata a queda de Ícaro, apenas visível através das suas pernas que se debatem fora de água, à medida que se afoga. Ícaro consegue voar recorrendo a asas fabricadas pelo seu pai, com penas de aves, cera e cordas. Aproximado-se demasiado do Sol, o calor derrete a cera que mantém as asas intactas e faz com que Ícaro se despenhe nas águas do mar. Wilfredo Prieto parte assim da pintura atribuída a Bruegel para explorar e reflectir sobre o género da paisagem, a sua relação com a realidade e o seu estatuto privilegiado enquanto disciplina clássica na História da Arte. *Paisagem com a queda de Ícaro* decorre também fora da Kunsthalle Lissabon, na Praça da Alegria, em Lisboa.

**KUNSTHALLE  
LISSABON**

Rua Rosa Araújo 7-9 | 1250-194 Lisboa - Portugal  
+351 912045650 | [www.kunsthalle-lissabon.org](http://www.kunsthalle-lissabon.org) | [info@kunsthalle-lissabon.org](mailto:info@kunsthalle-lissabon.org)  
Quinta a Sábado | 15:00 - 19:00 | encerra aos feriados

apoio  FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

**KUNSTHALLE  
LISSABON**

## **WORDS DON'T COME EASY**

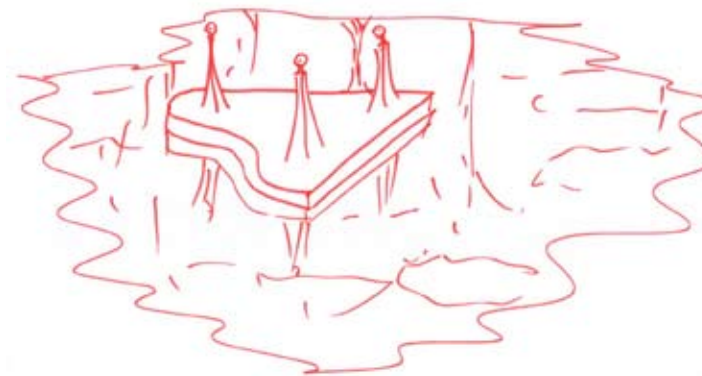
CONVERSA ENTRE WILFREDO PRIETO, JOÃO MOURÃO E LUÍS SILVA, A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO PAISAGEM COM A QUEDA DE ÍCARO.

EM PAISAGEM COM A QUEDA DE ÍCARO, O PROJECTO QUE DESENVOLVESTES ESPECIFICAMENTE PARA A KUNSTHALLE LISSABON, PARTES DA PINTURA HOMÓNIMA ATRIBUÍDA ATÉ RECENTEMENTE AO PINTOR RENASCENTISTA FLAMENGO PIETER BRUEGEL. O QUE TE INTERESSOU NESTA OBRA?

Interessa-me olhar para a história da arte, as disciplinas ou géneros históricos, como é o caso da paisagem. Esta exposição pertence assim a uma série de obras recentes sobre a paisagem, que têm uma conotação mais directa com o espaço. A pintura atribuída a Bruegel denota as normas técnicas do género paisagem, a composição. Ao estar a olhar para trás estou à procura, na pintura de que parto, dessas normas clássicas, que estudei de maneira sistemática e, assim, levar toda essa herança tanto ao terreno contemporâneo como à minha prática e, simultaneamente forçar a paisagem. Esta exposição é quase um jogo com a paisagem real, onde a paisagem extravasa para a realidade, garantindo a estranheza desta e convertendo a cidade de Lisboa na própria paisagem, onde ao virar de uma esquina se pode ser confrontado com a ideia poética da queda de Ícaro. Fazer uma paisagem na paisagem.

DE ONDE SURGE ESTE INTERESSE PELA PAISAGEM? É UMA NOVA ABORDAGEM NO TEU TRABALHO?

Sim, é algo completamente novo que estou a experimentar actualmente. As obras anteriores estavam já a perder os limites da escultura, estavam já a deixar de ser escultura enquanto objecto puro, e as fronteiras que o definiam enquanto tal estavam já a expandir-se para o espaço que circundava esse mesmo objecto, abrindo o olhar, fechando a margem de consenso e, nesse processo, averiguar até onde pode chegar a ideia de escultura; encontrar mais o conceito de paisagem que o conceito de escultura... A minha prática é, entre outras coisas, enformada pela realidade, pelo que encontro quando passeio pela cidade, no contexto urbano e é aí que encontro objectos e situações que comunicam de forma artística, por isso é aí que uma parte considerável dos meus gestos artísticos acontecem. O que faço é assinalar esses lugares, dizer que ali existe comunicação. Com esta série de paisagens consigo intersectar-me nessa realidade, formando parte dela, não tanto através de um conceito de arte pública mas através do conceito (e disciplina) de paisagem, paisagem na própria realidade.



CITARES E REINTERPRETARES UMA OBRA DA PINTURA RENASCENTISTA EUROPEIA, E DA ESCOLA FLAMENGA, PODE SER ENTENDIDO COMO UM EXERCÍCIO POLÍTICO? OU É UMA SOBRE-INTERPRETAÇÃO?

Neste projecto, interessa-me sobretudo uma dimensão formal e técnica, mas ao fazer uma peça como esta entendo e espero que existam níveis de conteúdo que serão relacionados com questões políticas, daí trazer também como ponto de partida o episódio mitológico que figura na pintura. Vão existir evidentemente uma série de níveis de entendimento que serão cumulativos, mas

o princípio de construção é puramente formal, não resultado desses possíveis níveis de interpretação que se irão formar sobre a peça e o seu processo de comunicação.

MAS REGRESSANDO À QUESTÃO DA PAISAGEM, ESTA ACABA POR PARECER SER O CULMINAR DE UM PROCESSO DE TRABALHO QUE ESTEVE SEMPRE CENTRADO NA CRIAÇÃO DE IMAGENS QUE DESCREVAM SUCINTAMENTE E NA PERFEIÇÃO O QUE O TRABALHO PRETENDE SER. A TUA PRÁTICA, DESSE PONTO DE VISTA, É A BUSCA OBSESSIVA DE IMAGEM APÓS IMAGEM, QUE DESCREVA CADA UM DOS TEUS PROJECTOS DE FORMA ICÓNICA E A

PAISAGEM ACABA POR SINALIZAR UMA MAIOR ABRANGÊNCIA NA TUA BUSCA DE IMAGENS QUE REPRESENTEM AS TUAS IDEIAS... A PAISAGEM É, DE ALGUMA FORMA, UMA IMAGEM MAIS VASTA E ABRANGENTE...

É simultaneamente o meu processo de trabalho e uma forma de apresentar um resultado. Isto é, devolvo o meu entendimento da arte exactamente como o recebo. Tento sintetizar, cada vez mais, os mecanismos de trabalho, reduzindo-os ao máximo para que este seja “puro entretenimento”. É uma forma de estabelecer uma relação com uma história ou uma ideia, mas que ainda faça parte do quotidiano, como, no caso de Paisagem com a queda de Ícaro, poder-se encontrar um piano por acidente, ou no lixo, como uma coisa que deitaram fora... criar uma situação poética a partir de uma algo casual que faz parte da realidade quotidiana e a partir daí gerar um efeito de estranheza...

E ONDE ENCONTRAS A REALIDADE NESTA SITUAÇÃO? NA CIDADE OU NO OBJECTO?

A ideia é reduzir ao máximo, encontrar o mínimo denominador. Esse objecto que mencionas é a própria cidade, e num ponto determinado, num lago debaixo de umas árvores, por exemplo, existe um piano ao contrário; isto permite, talvez, conseguir captar um pouco da essência formal da paisagem. Tudo acontece à tua volta, existem diferentes histórias

paralelas que se sucedem num mesmo momento em diferentes circunstâncias, mas existe uma mínima, que me chamou a atenção... um só instante num determinado momento.

FALAVAS HÁ POUCO DO TEU TRABALHO COMO A BUSCA DE UMA SÍNTESE TOTAL. ACHAS QUE ESSA BUSCA TE CONDUZIRÁ A UM TRABALHO TOTALMENTE INVISÍVEL, QUE JÁ NÃO NECESSITE DE IMAGENS PARA O REPRESENTAR?

Continuo sem saber em que direcção vou e isso é o bom do trabalho artístico, seguir experimentando. Uma experiência levante para a direita, outra para a esquerda, mas cada obra tem muita autonomia, e se umas pedem a invisibilidade, outras pedem visibilidade e outras ainda o espectáculo... por isso em cada peça nova nunca sei em que direcção vou, talvez nestas experiências mais recentes vá sobretudo pela invisibilidade, mas talvez dentro de dois anos seja o contrário. Não sigo regras, fórmulas ou calendários, deixo-me impulsionar pela inércia do trabalho.



Pieter Bruegel the Elder, *Landscape with the Fall of Icarus*, c. 1558  
Óleo sobre tela montada em madeira, 73.5 x 112 cm, Musees Royaux des Beaux-Arts de Belgique, Bruxelas

